

# 1

## *Cheiro pútrido*

O corpo do defunto asceta padre-frei Zossima fora preparado para o funeral de acordo com o rito. Como se sabe, não se lava os corpos dos monges e anacoretas falecidos. «Quando um monge entrega a alma ao Criador», diz-se no Grande Ritual, «o irmão para tal encarregado esfrega o corpo do defunto com água tépida mas, antes, traça com a esponja o sinal-da-cruz na fronte, no peito, nas mãos, nos pés e nos joelhos do falecido, e nada mais.» Assim fez no corpo do defunto o próprio padre Paíssi. Depois da esfregação, vestiu-lhe o hábito e envolveu-o na capa, à qual, segundo a regra, cortou um pouco para que ficasse amortalhado em forma de cruz. Enfiou-lhe na cabeça o capelo com a cruz de oito pontas. O capelo foi deixado aberto e o rosto do defunto tapado com o véu negro do cálix. Nas mãos puseram-lhe a imagem do Salvador. De manhã, assim o meteram no caixão (havia muito preparado). Fora decidido deixar o caixão na cela (na primeira divisão, a grande, em que o defunto *stárets* recebia os irmãos e os leigos) durante todo o dia. Como o falecido era padre regrante e asceta, os outros padres regrantes ou os diáconos deviam ler sobre o seu corpo não o livro dos salmos, mas o Evangelho. Padre Ióssif iniciou a leitura logo após o ofício de corpo presente; quanto ao padre Paíssi, que expressara o desejo de ler depois todo o dia e toda a noite, estava de momento muito ocupado e preocupado, juntamente com o superior da ermida, porque, entre a irmandade do mosteiro e as multidões de leigos que não paravam de chegar vindas das pousadas do mosteiro e da cidade, se espalhara uma excitação invulgar e sem precedentes, mesmo «inconveniente», uma expectativa cheia de impaciência. Tanto o superior como o padre Paíssi se esforçavam por acalmar, na medida do possível, tanta emoção e azáfama das gentes. Quando amanheceu o

bastante, começaram também a chegar da cidade os fiéis que traziam até consigo familiares doentes, sobretudo crianças — como se estivessem à espera deste momento, pelos vistos alimentando esperanças na força imediata da cura, que, tinham fé, não tardaria a revelar-se. Assim se viu até que ponto toda a gente se habituara a considerar o falecido *stárets*, ainda em vida, como um grande e incontestável santo. Entre os que chegavam, havia gente que estava longe de pertencer ao povo simples. Esta enorme expectativa dos crentes, tão rápida e abertamente manifestada, quase uma insistência, tinha foros de tentação aos olhos do padre Paíssi, que, embora pressentisse isto tudo havia muito, via que ultrapassava de facto todas as marcas. Ao cruzar-se com os monges emocionados, o padre Paíssi até já lhes ralhava: «Estar assim à espera de alguma coisa grande e imediata», dizia-lhes, «é uma grande levianidade, só possível entre os seculares mas inconveniente para nós.» Mas quase ninguém lhe dava ouvidos, e o padre Paíssi via tudo aquilo com grande preocupação, apesar de ele próprio (se quisermos recordar tudo com verdade), que tanto se indignava com aquelas expectativas exageradas e via nelas vaidade leviana, também esperar secretamente a mesma coisa, no fundo da sua alma, o que era incapaz de confessar a si mesmo. Entretanto, alguns encontros desgostavam-no muito, já que, por certos pressentimentos, lhe despertavam grandes dúvidas. Entre a chusma que se apertava na cela do defunto, reparou, com profunda repugnância (que logo se censurou), na presença de Rakítin, por exemplo, ou do monge chegado do longínquo Obdorsk, que ainda permanecia no mosteiro, e de repente, por qualquer razão, sentiu-os a ambos suspeitos — embora, nesse sentido, nem só deles devesse suspeitar. De entre os emocionados, o monge de Obdorsk era o mais pressuroso; podia-se vê-lo por todo o lado: por todo o lado fazia perguntas, por todo o lado escutava as conversas, cochichava com um ar de mistério muito especial. A expressão do seu rosto era de impaciência extrema, como que já irritada por nunca mais se cumprir o esperado. Quanto a Rakítin, tinha chegado assim tão cedo à ermida por especial pedido da senhora Khokhlakova. Esta senhora, tão bondosa mas de carácter tão fraco, como não pudesse ser autorizada a entrar na ermida pessoalmente, mal acordou e foi informada do passamento do *stárets*, viu-se impregnada de tão vertiginosa curiosidade que mandou logo o Rakítin em seu lugar, com a ordem de ver e observar tudo e a informar imediatamente por escrito, de meia em meia hora, de *tudo o que acontecesse*. Para ela, Rakítin era um jovem crente de virtude impecável — de tal modo ele sabia comportar-se com toda a gente pelos gostos dela, se, no seu entender, pudesse tirar disso uma vantagem, por pequena que fosse. O dia estava claro e soalheiro, muitos dos peregrini-

nos recém-chegados aglomeravam-se junto aos túmulos da ermida, mais apertados em volta da igreja, mais dispersos no resto do recinto. O padre Paíssi rondava a ermida e, de repente, lembrou-se de Aliocha e de que não lhe punha a vista em cima havia muito, quase desde a noite anterior. Pois bastou lembrar-se dele para logo o divisar no canto mais longínquo da ermida, junto à cerca, sentado na laje tumular de um monge muito antigo e famoso pelas suas obras. Aliocha estava de costas para a ermida e de frente para a cerca, e parecia esconder-se por trás do monumento. Ao aproximar-se dele, o padre Paíssi viu que o jovem tapava a cara com as mãos e chorava em silêncio, mas com muita amargura, o corpo sacudido pelos soluços. O padre Paíssi deixou-se estar algum tempo, quieto, a olhar para ele.

— Vá lá, amigo, vá lá, querido filho — disse por fim com sentimento —, por que hás-de estar assim? Alegra-te, não chores. Então não sabes que este é o maior dia da vida *dele*? Lembra-te de onde ele está neste momento, lembra-te disso!

Aliocha olhou para ele, expondo como uma criança o rosto inchado de choro, mas logo a seguir virou-lhe a cara e voltou a escondê-la com as mãos.

— Ou talvez seja melhor assim — disse o padre Paíssi, pensativo. — Sim, chora, foi Cristo quem te mandou essas lágrimas. «As tuas lágrimas enternecidas são um descanso para a tua alma e servirão para alegria do teu belo coração» — acrescentou para si mesmo, afastando-se e pensando com carinho em Aliocha. De resto, tinha-se apressado a afastar-se porque sentiu que era capaz de se pôr também a chorar. Entretanto, o tempo corria, os serviços monásticos e as liturgias por alma do falecido prosseguiam na devida ordem. O padre Paíssi voltou para substituir o padre Ióssif ao lado do caixão e, por seu turno, pôs-se a ler o Evangelho. Ainda não passava porém das três da tarde quando sucedeu o que mencionei no livro anterior, uma coisa tão inesperada para nós todos e, até, tão contrária à expectativa geral que, repito, a narração pormenorizada e fútil desta ocorrência ainda hoje é feita, com uma vivacidade extraordinária, na nossa cidade e arredores. A este respeito, tenho de acrescentar, no que a mim se refere: quase me repugna recordar tal acontecimento de tentação, e fútil, na essência dos mais naturais e insignificantes, e sem dúvida o teria omitido no meu relato se ele não viesse a influenciar fortemente, em determinado sentido, a alma e o coração do herói principal, *embora futuro*, da minha história, ou seja, de Aliocha, constituindo como que uma viragem e uma reviravolta na sua alma, abalando, mas também consolidando, a sua mente, em definitivo, para toda a vida e num objetivo determinado.

Voltemos então à nossa história. Quando, ainda antes do amanhecer, meteram o corpo do *stárets* preparado para as exéquias dentro do caixão e o trouxeram para a primeira sala, que fora antes a de recepção, surgiu entre as pessoas que se encontravam junto do caixão uma pergunta: não será preciso abrir as janelas? A pergunta, porém, expressa por alguém de passagem, ficou sem resposta e quase passou despercebida — a não ser a alguns dos presentes que a ela responderam mentalmente e só no sentido de que esperar a decomposição e o cheiro pútrido do corpo de um defunto como este era um perfeito disparate, digno de dó (se não de gozo) para com a falta de fé e leviandade de quem tinha proferido semelhante pergunta. Isto porque se estava à espera do contrário. Ora bem, aquilo que toda a gente notava, passava pouco do meio-dia, ao entrar e sair, e que, de início, aceitava em silêncio, sem comentários e até com o medo óbvio de dizer a alguém a ideia que nele começava a nascer, às três da tarde já se manifestava com tanta evidência que, num instante, a sua notícia percorreu toda a ermida e todos os peregrinos que lá se encontravam de visita, depois chegou logo ao mosteiro e provocou o pasmo de toda a população monástica e, muito depressa, chegou à cidade, onde perturbou toda a população, crente e descrente. Os descrentes ficaram satisfeitos; quanto aos crentes, alguns ficaram ainda mais satisfeitos do que os descrentes, porque «as pessoas gostam da queda do justo e do opróbrio dele», como proferira o *stárets* num dos seus sermões. Sucedeu que começou a emanar do caixão, a pouco e pouco, mas cada vez com mais intensidade, um nítido cheiro pútrido que, pelas três da tarde, já se fazia sentir com força e não parava de aumentar. Havia muito que não acontecia no nosso mosteiro, nem havia recordação de que tivesse acontecido alguma vez na sua história, uma coisa com estes foros de tentação e tão grosseiramente desenfreada, e que noutro caso qualquer seria mesmo impossível, como esta que se revelou logo a seguir ao sucedido, inclusive entre os próprios monges. Mais tarde, passados muitos anos, alguns dos nossos monges mais sensatos, ao recordarem em pormenor todo aquele dia, viriam a espantar-se e a horrorizar-se por a tentação ter chegado a semelhante ponto. A verdade era que já antes acontecia que morriam monges de vida muito virtuosa e com a virtude à vista de todos, e que eram *stártsi* tementes a Deus, e, no entanto, também dos seus caixões humildes emanava muito naturalmente o cheiro pútrido, como acontece com todos os mortos, mas tal facto nunca produzira semelhante tentação nem sequer a mínima emoção. Também é verdade que, de alguns dos que morreram nos tempos antigos, se mantém uma memória viva no nosso mosteiro e, segundo a lenda, os seus restos mortais não revelaram decomposição,

o que influenciou comovedora e misteriosamente a irmandade, imprimindo-lhe na memória algo de santo e milagroso, como uma promessa para ainda maior glória dos seus túmulos no futuro se, por vontade de Deus, esse tempo chegar. Destes, perdura sobretudo a memória do *stárets* Íov, que viveu até aos cento e cinco anos e foi um famoso asceta e jejuador votado ao silêncio, falecido muito tempo atrás, ainda nos anos dez deste século. O seu túmulo era mostrado com um respeito muito especial aos peregrinos que vinham pela primeira vez e a quem se mencionavam, com ar de mistério, certas grandes esperanças. (Era esse mesmo túmulo em que o padre Paíssi encontrara de manhã o Aliocha sentado.) Além deste *stárets* dos tempos antigos, mantinha-se ainda a memória do grande eremita *stárets* Varsonófi, a quem sucedeu o padre Zossima, que, em vida daquele, era considerado por todos os peregrinos ao mosteiro um verdadeiro tolinho religioso. Guardava-se a lenda de que esses dois jaziam nos seus caixões como vivos e foram sepultados imperecíveis, adiantando-se mesmo que os seus rostos como que estavam iluminados nos caixões. Havia quem se lembrasse que emanava dos seus corpos uma fragrância sensível. Mas, apesar de recordações de tão grande peso, continua a ser difícil explicar a causa directa de fenómeno tão corriqueiro, absurdo e maléfico sucedido à volta do caixão do *stárets* Zossima. Quanto a mim, suponho que coincidiram aqui várias causas diferentes que tiveram o seu efeito simultaneamente. Uma delas será a hostilidade empedernida para com o *stártchestvo* visto como inovação nociva, que se escondia profundamente nas mentes de muitos monges do nosso mosteiro; além disso, e sobretudo, a inveja relativamente à santidade do falecido, uma santidade que tinha construído em vida de maneira tão sólida que, pelos vistos, era até proibido contestá-la. É que o falecido *stárets*, embora tivesse atraído muita gente, não tanto pelos milagres como pelo amor, e tivesse juntado à sua volta como que um mundo inteiro de pessoas que o amavam, apesar disso e até exactamente por isso, tinha gerado também os invejosos e, a seguir, os inimigos inveterados, secretos e abertos, não só entre os monges mas também entre os leigos. Nunca fez mal nenhum a ninguém, mas: «Por que o consideram tão santo?» Bastou a repetição desta pergunta para criar um oceano de maldade insaciável. Por isso acho que muita gente, ao apanhar com o cheiro pútrido do seu corpo, ainda por cima tão cedo — não passara sequer um dia sobre a sua morte —, ficara contentíssima. Quanto aos fiéis do *stárets*, que até ao momento o tinham venerado, encontravam-se entre eles alguns que ficaram quase pessoalmente insultados, ressentidos com o acontecimento. As coisas passaram-se do modo que se segue.

Mal começou a manifestar-se a decomposição, pôde logo concluir-se por que razão os monges, só pelo ar com que entravam, tinham comparecido. Entra um, deixa-se ficar um pouco e sai para confirmar a notícia à chusma dos outros que esperavam fora da cela. Alguns abanavam a cabeça com amargura, mas outros nem queriam esconder a alegria que lhes brilhava nos olhos rancorosos. E já ninguém os censurava, e já ninguém, por bondade, levantava a voz, o que chegava a ser estranho se tivérmos em conta que os fiéis do falecido estavam em maioria no mosteiro; mas, desta vez, parecia que o próprio Deus quisera que a minoria, provisoriamente, saísse vencedora. Não tardou que comesçassem a aparecer, também como espias, alguns leigos, na sua maioria das camadas cultas. Eram poucas as pessoas humildes que entravam, embora se tivesse juntado muito povo ao portão da ermida. Depois das três aumentou consideravelmente o afluxo de leigos, sem dúvida por causa da notícia tentadora. Houve quem não teria aparecido nesse dia, nem sequer teria tido essa ideia, mas que estava ali propositadamente e, entre eles, pessoas de posição importante. O decoro do ritual, porém, não estava a ser desrespeitado, e o padre Paíssi continuava firme e distintamente, com o seu rosto severo, a ler o Evangelho, como se não reparasse em mais nada, apesar de se ter dado conta, havia muito, de certas coisas invulgares. Por fim começaram a chegar aos seus ouvidos algumas vozes, de início baixinhas, depois mais firmes e ousadas. «Portanto, o juízo de Deus não é o mesmo que o dos homens!» — distinguiu de repente o padre Paíssi. O primeiro a pronunciá-lo foi um senhor, leigo, funcionário da cidade já idoso e, como era sabido, homem bastante religioso; o senhor, porém, limitava-se a repetir em voz alta o que os monges havia muito sussurravam aos ouvidos uns dos outros. Os monges, com efeito, havia muito que proferiam tal palavra de desespero, e o pior de tudo era que nessa palavra crescia e, a cada minuto que passava, ia-se manifestando uma espécie de júbilo. Depressa começou a ser desrespeitado o próprio decoro do ritual e, de repente, foi como se toda a gente se sentisse no direito de o desrespeitar. «Por que será que isto aconteceu?», diziam alguns monges, a princípio num tom de lamentação. «Ele tinha um corpo miúdo, seco, só pele e ossos, donde poderá vir este cheiro?» «Só deve significar que Deus quis mandar um sinal especial», apressavam-se a acrescentar os outros, e a opinião deles era aceite de imediato e sem discussão, apontando-se também o facto de, se aquilo fosse o cheiro natural dos mortos, como o de qualquer pecador defunto, emanaria mais tarde e não com aquela rapidez tão notória, um dia depois, pelo menos, pelo que «este se adiantou à natureza», não podendo ser outra coisa que não um sinal

de Deus, o dedo de Deus. Deus quis mandar um sinal. Tal raciocínio surtia um efeito irrefutável. O meigo padre Ióssif, o bibliotecário, favorito do defunto, tentou contrapor às más-línguas que «nem sempre assim acontecia» e que não existia dogma algum no cristianismo ortodoxo sobre a necessidade de os restos mortais dos justos serem imperecíveis, mas apenas uma opinião, e que nos mais ortodoxos dos lugares, em Atos, por exemplo, não se embaraçavam muito com o cheiro pútrido e que, lá, não era o corpo imperecível que se considerava o indício principal da glória dos salvados, mas sim a cor dos seus ossos, quando os corpos já estivessem decompostos há muitos anos debaixo da terra: «Se se descobrirem ossos amarelos como cera, esse será o sinal principal de o Senhor ter concedido a eterna glória ao justo defunto; mas se não forem amarelos, mas negros, então foi porque o Senhor não se dignou conceder tal glória a essa pessoa. É assim em Atos, grande terra onde se salvaguarda a ortodoxia, desde os tempos mais antigos, de uma maneira inabalável e na pureza mais límpida», concluiu o padre Ióssif. Mas as palavras do submisso padre não surtiram qualquer efeito e até provocaram uma reacção irónica: «Isso tudo é livresco, são inovações, nem sequer vale a pena ouvir isso», decidiram os monges no seu foro íntimo. «Entre nós, é à moda antiga; hoje em dia há muitas invenções, será que vamos segui-las a todas?», acrescentavam outros. «Não temos menos santos do que esses. Esses estão sob o domínio turco e já se esqueceram de tudo. A fé ortodoxa deles há muito que ficou turva, nem sequer têm sinos», acrescentavam os mais trocistas. O padre Ióssif afastou-se com tristeza, ainda por cima porque tinha exprimido a sua opinião sem grande firmeza, como se não tivesse a convicção suficiente. Embaraçado, pressentia que algo de sórdido estava a acontecer, que era a própria desobediência que estava a levantar a cabeça. Atrás do padre Ióssif, todas as outras vozes sensatas se foram calando a pouco e pouco. E, de certo modo, aconteceu que todos aqueles que amavam o falecido *stárets* e aceitavam com obediência enternecida o *stártchestvo* como instituição se assustaram terrivelmente e, quando se encontravam, apenas espreitavam com timidez para os rostos uns dos outros. Ora, os inimigos do *stártchestvo* como instituição inovadora levantavam orgulhosamente as cabeças. «O defunto *stárets* Varsonófi não só não deitava esse fedor como ainda, do cadáver dele, emanava uma fragrância», lembravam eles com maldade, «e isso não foi obra do *stártchestvo*, mas porque era justo.» Não tardou que fossem despejadas sobre o falecido censuras e acusações: «Os ensinamentos dele eram incorrectos; ensinava que a vida era uma grande alegria e não uma submissão lacrimosa», diziam os mais ineptos. «Tinha fé na última



moda, não reconhecia o fogo material no inferno», diziam outros, ainda mais ineptos. «Não era rigoroso na abstinência, permitia-se comer doces, compota de ginja com chá, gostava muito dela, as senhoras mandavam-lha. Será coisa de asceta regalar-se com chá?», ouviam-se as vozes de alguns invejosos. «Estava dominado pelo orgulho», lembravam com crueldade os mais maldosos, «achava que era santo, os fiéis caíam de joelhos diante dele e ele aceitava isso como se lhe fosse devido.» «Abusava do segredo da confissão», acrescentavam num sussurro malvado os mais empedernidos adversários do *stártchestvo*, mesmo alguns dos mais velhos e severos na regra monástica, verdadeiros jejuadores e que tinham feito voto de silêncio, que tinham iniciado o seu voto de silêncio em vida do defunto mas que agora abriam os lábios, o que só por si já era terrível porque influenciava os monges novos e ainda imaturos. Também o monge vindo de Obdorsk, do seu São Silvestre, ouvia com muita atenção todos estes discursos, suspirando fundo e acenando com a cabeça: «Sim, vê-se que, ontem, o irmão Ferapont tinha razão», pensava ele, e nisto apareceu o próprio Ferapont; como que vinha para agravar o pasma geral.

Já mencionei antes que ele raramente saía da sua cela de madeira no colmeal e, até, raramente aparecia na igreja e que todos estavam coniventes com isso e, por o considerarem um «louco em Cristo», não lhe impunham as regras comuns a todos. Mas, verdade seja dita, tal convivência foi ditada por uma certa necessidade, porque até seria vergonhoso obrigar à regra geral tão grande jejuador em voto de silêncio, que rezava dia e noite (até adormecia de joelhos), se não queria, ele próprio, obedecer à regra. «É mais santo do que nós todos juntos e cumpre coisas mais difíceis do que a regra exige», diriam então os monges, «e se não vai à igreja é porque ele próprio sabe quando deve lá ir, tem a sua própria regra.» Era por causa desta possível revolta e tentativa que deixavam o irmão Ferapont em paz. O irmão Ferapont, como toda a gente sabia, não gostava mesmo nada do *stárets* Zossima; pois bem, chegou também à sua casota a notícia de que «o juízo de Deus, portanto, não é o mesmo que o juízo dos homens» e que o defunto «se tinha adiantado à natureza». É de supor que o primeiro a dar-lhe a notícia tenha sido o visitante de Obdorsk, o qual, na véspera, tinha ido vê-lo e saíra de lá cheio de terror. Já mencionei também que o padre Paíssi, que se mantinha firme e inabalável junto ao caixão a ler, embora não pudesse ver nem ouvir o que acontecia fora da cela, previu no seu coração o essencial, infalivelmente, porque conhecia na perfeição o seu meio. Não estava embaraçado, mas à espera do que ia ainda acontecer, sem medo, com



o olho penetrante posto no desenlace futuro da excitação que já se apresentava na sua mente. De súbito, um barulho invulgar e já perfeitamente perturbador do decoro espantou o seu ouvido. A porta abriu-se de par em par e apareceu o irmão Ferapont. Atrás dele adivinhava-se, e via-se mesmo claramente da cela, em baixo, à entrada, a mole de monges que o acompanhavam e, entre eles, também alguns leigos. Os seus acompanhantes, contudo, não entraram nem sequer subiram os degraus, mas, parados, esperavam pelo que ia dizer e fazer o irmão Ferapont porque pressentiam, até com algum receio apesar de todo o seu atrevimento, que Ferapont não viera por acaso. À entrada, o irmão Ferapont levantou as mãos e, por baixo do seu braço direito, espreitaram os olhinhos agudos e curiosos do visitante de Obdorsk, o único que, por enorme curiosidade, não aguentara e subira as escadas seguindo o irmão Ferapont. Os outros, mal a porta se abriu ruidosamente de par em par, retrocederam, apertando-se, com súbito temor, num magote. Levantando os braços, o irmão Ferapont vociferou de rajada:

— Expulsando expulso! — E, virando-se sucessivamente para os quatro lados, pôs-se a benzer as paredes e os cantos da cela. Tal procedimento foi logo entendido pelos acompanhantes, porque sabiam que ele fazia sempre isso, onde quer que entrasse, nunca se sentando sem antes ter expulsado as forças do mal.

» Renego a Satanás, abrenúncio Satanás! — esconjurou para cada cruz. — Expulsando expulso! — voltou a gritar. Trazia vestida a sua rude sotaina, cingida com uma corda. Debaixo da camisa rústica asomava o seu peito nu, coberto de pêlos brancos. Estava descalço. Mal começou a abanar as mãos ouviu-se o tilintar das correntes cruéis que trazia sob a sotaina. O padre Paíssi interrompeu a leitura, deu um passo em frente e ficou diante dele, à espera.

— Por que vieste, honorável irmão, por que violas o rito? Por que sublevas o rebanho submisso? — disse por fim, olhando severamente para ele.

— Por que hei vindo? Que peço eu? Que fé tenho? — gritou o irmão Ferapont, fazendo toda a figura do tolinho de Deus. — Hei-me arrastado até aqui para expulsar os vossos convidados, os demos imundos. Olho e vejo quantos se juntaram aqui. Vou varrê-los com a vassoura de bétula.

— Dizes que expulsas o demónio, mas talvez tu próprio o sirvas — continuou sem medo o padre Paíssi. — E quem pode dizer de si mesmo: «Sou santo»? Sê-lo-ás tu, irmão?

— Sou imundo, não sou santo. Nunca me sentarei em cadeiras nem desejarei veneração como um ídolo! — ribombou o irmão Ferapont.

— Hoje há gente que dá cabo da santa fé. O defunto, o vosso santo — voltou-se ele para a multidão, apontando com o dedo para o caixão —, negava que os diabos existiam. Mandava tomar purgantes contra os diabos. Mas ei-los a formigar como aranhas pelos cantos. E, hoje, ele próprio fede. Eis, nisto, um grande sinal divino aos homens.

A propósito, eis o que de facto aconteceu uma vez na vida do padre Zossima. Um dos monges começou, primeiro, a sonhar e, depois, de olhos bem abertos, a ter visões das forças do mal. Quando, cheio de medo, se abriu perante o *stárets*, este aconselhou-lhe orações assíduas e jejum rigoroso. Como isso não ajudasse, aconselhou-lhe, além das orações e do jejum, que tomasse determinado remédio. Nessa altura, isso foi para muitos um motivo de tentação e de conversas de censura entre si, abanando as cabeças — e em primeiro lugar para o irmão Ferapont, a quem alguns difamadores se tinham apressado a comunicar essa ordem tão «esquisita» do *stárets* num caso tão especial.

— Sai daqui, irmão! — proferiu com autoridade o padre Paíssi. — Não são os homens que julgam, mas Deus. Às tantas vemos nisto um sinal que nem tu, nem eu, nem ninguém é capaz de perceber. Vai-te daqui, irmão, não subleves o rebanho! — repetiu com insistência.

— Não observava os jejuns em conformidade com os votos de professo que fizera, por isso se deu o sinal. O sinal é claro e é pecado ocultá-lo! — não parava o fanático, num zelo exasperado, em desconformidade com o seu juízo. — Deixava-se seduzir com confeitos que lhe traziam nos bolsos as senhoras, adocicava-se com chás, sacrificava à barriga, enchia-a de doces e, à mente, enchia-a com o pensamento altivo... Foi por isso que se cobriu de opróbrio...

— São levianas as tuas palavras, irmão! — ergueu também a voz o padre Paíssi. — Admiro o teu jejum e o teu ascetismo, mas são levianas as tuas palavras, semelhantes às de um jovem leigo, instável e de juízo imaturo. Sai daqui, obedece à minha ordem! — trovejou o padre Paíssi em conclusão.

— Saio, sim! — disse o irmão Ferapont um tanto intimidado, mas continuando com raiva: — Sois cultos! Com o vosso grande juízo elevastes-vos sobre a minha humildade. Cheguei aqui quase iletrado e aqui esqueci tudo o que sabia, o próprio Deus Nosso Senhor me protegeu da vossa sabedoria, a mim, homem miúdo...

O padre Paíssi estava sobranceiro a ele e esperava com firmeza. O irmão Ferapont calou-se por algum tempo e, de repente, entristecido e apoiando a face na mão direita, pronunciou em voz cantante, olhando para o caixão do defunto *stárets*:

— Amanhã vão cantar para ele o «Ajudante e protector», cânone glorioso, e para mim, quando esticar o pernil, cantarão apenas «Que doçura de vida», versículo miúdo<sup>1</sup> — queixou-se, lacrimoso. — Ganhastes orgulho e soberba, está deserto este lugar! — berrou de repente como louco e, abanando as mãos, voltou-se rapidamente e desceu os degraus. A multidão, em baixo, moveu-se; alguns seguiram-no, outros hesitaram, porque a cela estava ainda aberta e o padre Paíssi, que saíra atrás do irmão Ferapont, estava na ombreira a observar. O velho desvairado, porém, ainda não acabara: afastando-se uns vinte passos, voltou-se para o lado do sol-pôr, ergueu as mãos e, como que fulminado, caiu por terra aos gritos:

» O meu Senhor venceu!! Cristo venceu o Sol do ocaso! — e, continuando com as mãos erguidas para o Sol, deixou-se cair de rosto contra o chão e desfez-se em choro como uma criança, soluçando e estendendo as mãos pela terra. Todos se precipitaram para ele com exclamações, chorando... Uma espécie de frenesi dominou toda a gente.

— Este é que é o santo! Este é que é o justo! — exclamavam já sem medo. — Este é que devia ser o *stárets* — acrescentavam outros, já com raiva.

— Ele não aceitará ser *stárets*... Rejeitará... não servirá essa invenção maldita... não imitará as palhaçadas deles — secundaram imediatamente outras vozes, sendo difícil dizer até que ponto chegaria tudo isso se não badalasse o sino a chamar para os ofícios. Todos começaram a persignar-se. Também o irmão Ferapont se levantou e, protegendo-se com o sinal-da-cruz, foi para a sua cela sem voltar a cabeça e sempre a vociferar, mas coisas já sem nexos. Alguns monges, muito poucos, seguiram-no, os outros dispersaram-se, com pressa de chegarem aos ofícios divinos. O padre Paíssi entregou a leitura ao padre Ióssif e desceu as escadas. Os gritos frenéticos dos fanáticos não o abalavam, mas sentia que uma tristeza e uma saudade muito especiais lhe invadiam o coração. Parou e, de repente, perguntou a si mesmo: «Porquê esta tristeza, quase um desânimo?» e, com espanto, percebeu que a sua tristeza súbita provinha de uma causa insignificante e específica: é que, no meio da multidão, à entrada da cela, entreviu também Aliocha; lembrou-se de que, mal pusera os olhos nele, sentira no coração uma dor indefinida. «Será que, agora, este moço significa

---

<sup>1</sup> Quando se leva o corpo do monge ou do eremita (da cela para a igreja e, depois da missa de corpo presente, da igreja para o cemitério) canta-se o versículo «Que doçura de vida...». Mas se o falecido era monge clérigo, canta-se o cânone «Ajudante e protector...». (*Nota do Autor*)

tanto para o meu coração?», interrogou-se com espanto; nesse preciso momento passava Aliocha ao lado dele; parecia ir com pressa, mas não na direção da igreja. Os seus olhares cruzaram-se. Aliocha desviou rapidamente os olhos e baixou-os; pelo ar do jovem, o padre Paíssi adivinhou que se estava a produzir nele uma grande mudança nesse momento.

— Será que também cedeste à tentação?! — exclamou o padre Paíssi. — Será que também estás do lado da gente de pouca fé? — acrescentou com amargura.

Aliocha parou e olhou, de modo indefinido, para o padre Paíssi, mas voltou a desviar os olhos e a baixá-los. Estava de lado e não se voltou de frente para o padre Paíssi. Este observava-o com atenção.

— Aonde vais com tanta pressa? Tocam os sinos para o ofício — voltou a perguntar, mas Aliocha continuava a não responder.

» Será que te vais embora da ermida? Como podes fazê-lo sem pedir licença e a bênção?

Aliocha, de repente, esboçou um sorriso torto, ergueu de uma maneira muito estranha os olhos para o padre, esse mesmo padre a quem o confiara, antes de morrer, o seu antigo mestre, o antigo senhor do seu coração e da sua cabeça, o seu antigo *stárets*, e de repente, sempre sem responder, abanou a mão, como quem não se preocupa sequer com o respeito, e, a passo estugado, foi para o portão de saída da ermida.

— Ainda voltas! — sussurrou o padre Paíssi, olhando-lhe para as costas com um espanto amargo.

## 2

### *Um momento assim...*

Sem dúvida que o padre Paíssi não estava enganado quando pensou que o seu «querido moço» ainda voltaria e, se calhar, até penetrou (não por completo, mas com bastante perspicácia) no verdadeiro sentido do estado de ânimo de Aliocha. Porém, confesso com toda a sinceridade que, a mim, seria bastante difícil traduzir com clareza o sentido exacto desse momento estranho e indefinido na vida do meu herói querido e ainda tão jovem. À pergunta amarga do padre Paíssi, dirigida a Aliocha: «Será que também estás do lado da gente de pouca fé?», eu, é claro, poderia responder por ele com firmeza: «Não, não estou do lado deles.» Mais ainda, acontecia precisamente o contrário: Aliocha ficou confuso precisamente porque tinha muita fé. Sim, a confusão acontecera e fora tão dolorosa que, muitos anos depois, ainda Aliocha viria a considerar aquele triste dia como um dos mais penosos e fatídicos da sua vida. Ora, se me perguntarem frontalmente: «Será que toda esta tristeza e inquietude lhe aconteceram apenas porque o corpo do *stárets*, em vez de começar logo a fazer curas, ficou, pelo contrário, sujeito a uma decomposição precoce?», responderei sem rodeios: «Sim, realmente foi por isso.» Peço apenas que o leitor não tenha pressa de se rir do coração puro do meu jovem. Quanto a mim, não só não tenho a intenção de pedir desculpa por ele ou de justificar a sua fé simplória mediante, por exemplo, a sua idade imatura ou o seu mau aproveitamento nas ciências por ele estudadas, etc., etc., mas faço mesmo o oposto e declaro com firmeza que sinto um respeito sincero pela natureza do seu coração. É evidente que outro jovem qualquer, que receba as impressões do coração com cautela, que já saiba amar sem fogo mas apenas com um calorzinho, que tenha um intelecto que, embora certo, seja demasiado sensato para a sua idade (um intelecto, por essa

razão, barato), um jovem assim, digo eu, evitaria o que aconteceu ao meu jovem; contudo, palavra de honra, em certos casos é mais decente deixarmo-nos levar por algum impulso, mesmo insensato mas vindo do grande amor, do que resistir-lhe. Ainda por cima na juventude, porque um jovem demasiado e constantemente sensato não é de confiança e vale pouco — é esta a minha opinião! «Mas», exclamarão talvez as pessoas sensatas, «os jovens não podem basear a sua fé numa superstição destas, e o seu jovem não é para os outros um exemplo a seguir!» Volto a responder: sim, o meu jovem tinha essa fé, uma fé sagrada e inabalável, e mesmo assim não peço desculpa por ele.

Ora bem: embora tenha declarado atrás (talvez com demasiada pressa) que não quero esclarecer, desculpar e justificar o meu herói, vejo que é necessário explicar certas coisas para uma melhor compreensão da história. Direi o seguinte: o problema aqui não é de milagres. Havia uma expectativa quanto aos milagres, mas não era uma expectativa leviana e impaciente. Também o Aliocha precisava de milagres, mas não para triunfo de quaisquer convicções (nada disso), não em prol de uma qualquer ideia preconcebida que triunfasse de imediato sobre outra — não, nada disso; em todo este caso, antes de mais e em primeiríssimo plano, erguia-se perante Aliocha o rosto, só o rosto — o rosto do seu querido *stárets*, do justo que ele venerava até à adoração. Acontece que todo o amor do seu coração, «por tudo e por todos», às vezes se concentrava então e durante todo aquele ano, talvez erradamente, num único ser humano, pelo menos os impulsos mais fortes do seu coração — concentrava-se no seu *stárets* querido, agora defunto. Também era verdade que aquele ser humano, durante tanto tempo, se lhe apresentara como um ideal incontestável e, portanto, toda a força jovem e todas as aspirações de Aliocha não podiam evitar dirigir-se exclusivamente para esse ideal, a ponto de se esquecer por momentos do «tudo e todos». (Viria a lembrar-se mais tarde que nesse dia penoso se esqueceu por completo do seu irmão Dmítri, com quem ainda na véspera estava tão preocupado e amargurado; esqueceu-se também de levar ao pai de Iliúchetchka aqueles duzentos rublos, o que também, ainda na véspera, queria fazer com tanto ardor.) Repito, porém, que ele não precisava de milagres mas apenas daquela «justiça superior» que, pela sua crença, estava a ser violada, o que lhe feriu súbita e cruelmente o coração. Que importância tinha o facto de tal «justiça» haver tomado nas expectativas de Aliocha, pelo próprio decorrer dos acontecimentos, a forma de milagre iminente provocado pelos restos mortais do seu adorado mestre? É que toda a gente do mosteiro assim pensava e assim esperava, mesmo aqueles cujo intelecto Aliocha venerava, como o padre Paíssi, por exemplo; então

Aliocha, sem quaisquer hesitações, plasmou os seus sonhos na mesma forma de todos os outros. Além disso, tais sentimentos já se tinham instalado nele havia muito, no decurso de um ano inteiro de vida no mosteiro, e o seu coração já ganhara o hábito dessa expectativa. Ansiava, porém, pela justiça, pela justiça, e não só pelo milagre! De repente, aquele que nas esperanças de Aliocha devia ser elevado mais alto do que todos no mundo, eis que, aquele mesmo, em vez de obter a glória merecida, foi derrubado e difamado! Por culpa de quê? Quem assim julgou? Quem poderia sentenciá-lo assim? — eis as perguntas que logo atormentaram o seu coração virgem e inexperiente. Não podia suportar sem se sentir ofendido e mesmo raivoso no fundo do coração o facto de o mais justo dos justos ter sido entregue a um escárnio tão cáustico e maldoso da chusma leviana e muito inferior a ele. Que não houvesse milagres, que nada de milagroso se manifestasse, que nenhuma expectativas se cumprissem, pronto — mas por que se declarara a infâmia, por que se permitira o opróbrio, porquê uma putrefacção tão rápida que «ultrapassou a natureza», como diziam os monges maldosos? Eles todos, na peugada do irmão Ferapont, por que deduzem agora, com tanto júbilo, que se trata de um «sinal» e por que se convenceram de que obtiveram, até, o direito de tirar tais conclusões? Onde está a providência e a sua mão? Por que escondeu ela a sua mão «no momento mais necessário» (pensava Aliocha), como se essa mão quisesse, também ela, obedecer às leis cegas, mudas e implacáveis da natureza?

Por isto é que sangrava o coração de Aliocha e, como já disse, em primeiro plano erguia-se aqui uma pessoa, a mais querida do mundo, mas «desonrada», «difamada». Pode ser verdade que esta revolta do meu jovem seja leviana e insensata, mas repito pela terceira vez (e, desde já, estou de acordo em que o faço também levianamente): estou contente por o meu jovem herói não se ter mostrado muito sensato neste transe, porque, para o homem inteligente, haverá sempre um tempo para a sensatez, e se num momento tão especial não houver amor no coração jovem, quando o haverá? Não quero porém, nesta ocasião, calar um fenómeno bastante estranho, embora momentâneo, que se revelou na mente de Aliocha nesta hora tão confusa e estranha para ele. Este fenómeno novo, que por um instante cintilou na sua cabeça, consistia numa impressão dolorosa que lhe provocara a sua recente conversa com Ivan, conversa que Aliocha não parava de recordar. Precisamente agora. Oh, nada da sua crença fundamental, espontânea, por assim dizer, ficou abalada. Amava o seu Deus e tinha nele uma fé inabalável, embora aos repentes se revoltasse contra Ele. Mesmo assim, ao recordar essa conversa com o irmão, surgia nele uma



impressão vaga, mas dorida e rancorosa, que lhe mexia na alma e tentava cada vez mais subir à superfície. Já escurecia quando Rakítin, que atravessava o pinhal indo da ermida para o mosteiro, encontrou de repente Aliocha deitado de bruços na terra, imóvel, como se dormisse. Aproximou-se e chamou-o.

— Tu aqui, Aleksei? Será que tu... — começou Rakítin, espantado, mas logo se calou. Queria dizer: «Será que *chegaste a este ponto?*» Aliocha não olhou para ele mas, por um leve movimento, Rakítin percebeu que o amigo o ouvia e compreendia.

» Mas o que tens? — continuava a espantar-se, mas já a surpresa começava a mudar-se-lhe na cara num sorriso cada vez mais irónico.

» Ouve, há mais de duas horas que ando à tua procura. Desapareceste de repente. O que estás a fazer aqui? Que asneiras piedosas são estas? Vá lá, olha ao menos para mim...

Aliocha levantou a cabeça, sentou-se e apoiou as costas contra a árvore. Não chorava, mas havia sofrimento no seu rosto e, nos olhos, irritação. Não olhava para Rakítin, mas para o lado.

— Sabes, estás com uma cara muito diferente. Não há nenhuma meiguice nela, essa tua famigerada meiguice. Ficaste zangado com alguém? Alguém te ofendeu?

— Deixa-me em paz! — disse de repente Aliocha, continuando a desviar os olhos e a abanar a mão num gesto de cansaço.

— Ooh, vejam só como ele é! Começou aos berros, tal e qual os outros mortais. Vejam-me só este anjinho! Ena, Aliochka, surpreendes-me, digo-to sinceramente. E olha que há muito que nada me surpreende aqui. De qualquer modo, pensava que eras um homem culto...

Aliocha olhou finalmente para ele, mas de modo um tanto distraído, como se ainda não percebesse bem aonde o outro queria chegar.

— Estarás tu assim só porque o teu velho fede?! Terás tu acreditado seriamente que ele ia cozinhar uns milagres?! — exclamou Rakítin, entrando outra vez num estado do mais sincero espanto.

— Tinha fé, tenho fé e quero ter fé, vou ter fé; que mais queres? — gritou Aliocha com irritação.

— Nada, nada, meu querido. Raios, mas nem um estudante de treze anos acredita nisso. Aliás, que se amole... Com que então tiveste uma zangazinha com o teu Deus, revoltaste-te: não houve promoção, por assim dizer, não foi concedida medalha por motivos de festa! É assim que vós sois!

Aliocha olhou prolongadamente para Rakítin, estreitando os olhos onde faiscou um brilho... mas não de raiva a Rakítin.

— Eu não me revolto contra o meu Deus, apenas «não aceito o mundo dele» — disse de repente Aliocha com um sorriso torto.

— Como é que não aceitas o mundo dele? — quis saber Rakítin, depois de pensar um pouco. — Que disparate é esse?

Aliocha não respondeu.

— Muito bem, basta de ninharias, passemos ao que interessa: já comeste alguma coisa hoje?

— Não me lembro... comi, acho que sim.

— Tens de comer alguma coisinha, revigorar-te, olha só a cara que tu tens. Mete dó olhar para ti. Nem sequer dormiste esta noite, ouvi dizer que tiveram lá uma reunião. E depois toda esta azáfama... Com certeza que não comeste mais do que um pedacinho de pão bento... Eu tenho chouriço aqui no bolso, trouxe-o ontem da cidade para o que desse e viesse, mas sei que tu não vais querer o chouriço...

— Dá cá o chouriço.

— Ena! Então é assim? É mesmo a revolta, as barricadas! Então é assim, amigo, não podemos perder a ocasião. Vamos para minha casa... Eu próprio emborcaria agora um copinho de vodca, estou cansadíssimo. Mas, quanto à vodca, não te atreverás... ou atreverás?

— Vá lá pela vodca também.

— Ena! Vejam só! — Rakítin olhou para ele com uns olhos loucos. — Não importa, seja a vodca, seja o chouriço, só sei que a coisa é brava, é uma boa coisa, não se pode perder a ocasião, vamos!

Aliocha levantou-se em silêncio do chão e seguiu Rakítin.

— Ah, se o teu maninho Vánetchka<sup>2</sup> agora te visse, que espanto seria para ele! A propósito, o Ivan Fiódorovitch partiu esta manhã para Moscovo, sabias?

— Sabia — disse Aliocha, alheado, e de repente cintilou na sua mente a imagem do irmão Dmítri, mas apenas cintilou e, embora lhe evocasse alguma coisa, um assunto urgente que não podia já ser adiado nem um minuto, um dever qualquer, uma terrível obrigação, também esta lembrança lhe não produziu qualquer efeito, não lhe tocou o coração e fugiu-lhe da memória no mesmo instante, esfumou-se. Apesar disso, viria a recordar mais tarde esse momento, durante muito tempo.

— O teu mano Vánetchka pronunciou-se uma vez a meu respeito, disse que eu era um «medíocre saco liberal». Tu próprio, uma vez, também não te contiveste e deste-me a entender que eu era «desonesto»... Seja! Vou contemplar agora o vosso talento e a vossa honestidade — (terminou Rakítin já para si mesmo). — Fu, ouve! — voltou a falar de novo em voz alta. — Vamos contornar o mosteiro, vamos directamente para a cidade pelo carreiro... Humm. Precisava também

---

<sup>2</sup> Diminutivo de Ivan. (NT)

de passar por casa da Khokhlakova. Escrevi-lhe sobre todos estes acontecimentos e, imagina, respondeu-me imediatamente num bilhete escrito a lápis (essa senhora adora escrever bilhetinhos) que «nunca esperara, da parte de um *stárets* tão respeitável como o padre Zossima, um acto desses!». Escreveu mesmo assim: «acto»! Enraivecida, também. Que gente vós sois, todos! Espera! — gritou de repente. Parou e, agarrando Aliocha pelo ombro, fê-lo também parar.

» Aliochka, sabes uma coisa? — disse, olhando-o perscrutadoramente nos olhos, dominado por uma súbita ideia nova que acabara de iluminá-lo e, embora se risse, estava ainda com medo de pronunciar em voz alta a tal ideia nova, a tal ponto duvidava do estado de ânimo de Aliocha, tão esquisito e inesperado para ele. — Sabes, Aliochka, aonde seria melhor irmos agora? — disse finalmente, tímido e suplicante.

— Tanto faz, aonde quiseses.

— Vamos a casa da Grúchenka, está bem? Vens? — articulou Rakítin, que a tímida expectativa até fazia tremer.

— Vamos lá à Grúchenka — respondeu Aliocha de imediato, calmamente; para Rakítin, aquele assentimento foi tão rápido, inesperado e imperturbável que por pouco não deu um salto para trás.

— E-e-na!... Boa! — gritou espantado, mas, de repente, pegando Aliocha pelo braço com firmeza, arrastou-o muito depressa consigo, com grande receio de que o outro perdesse a ousadia. Iam calados, Rakítin até estava com medo de reatar a conversa.

» Tão contente que ela vai ficar, tão contente... — murmurou; mas calou-se logo. De resto, não era para agradar a Grúchenka que ele lhe levava Aliocha; Rakítin era um homem avisado e não empreendia nada sem um objectivo vantajoso para si mesmo. Ora, o objectivo dele era agora duplo: em primeiro lugar, vingativo, ou seja, assistir ao «opróbrio de um justo» e à provável «queda» de Aliocha «dos santos para os pecadores», coisa que o enlevava de antemão; em segundo lugar, tinha em vista um objectivo material muito vantajoso para ele, de que falaremos um pouco mais adiante.

«Portanto, o momento é assim», pensava com uma alegria maldosa, «vamos então agarrar o momentozinho pelos colarinhos, porque nos é muitíssimo conveniente.»